



MULHERES na ECONOMIA

Conferência **Maputo**

Forjando caminhos e alternativas para autonomia e resiliência económica das mulheres

RELATÓRIO DA CONFERÊNCIA



AS DEZ IDEIAS-CHAVE DA PRIMEIRA EDIÇÃO DA CONFERÊNCIA MULHERES NA ECONOMIA

- 1** Desenvolver planos e estratégias, acompanhados de metas e indicadores claros, para a inclusão da mulher na economia;
- 2** Promover a transição dos negócios do sector informal para o formal, com suporte, em grande medida, em legislação, directivas e práticas fiscais flexíveis e favoráveis às mulheres;
- 3** Estabelecer referências normativas e iniciativas institucionais no sector público e privado que promovam a igualdade de género nestes sectores, não só para garantir a participação plena e efectiva das mulheres na liderança e na tomada de decisões, como também a igualdade de oportunidades de acesso ao conhecimento, às competências e aos meios de produção;
- 4** Instituições governamentais e privadas, dedicadas à pesquisa e análise de dados, devem assumir o compromisso de recolher dados que demonstrem a realidade desagregada da participação feminina nos diversos sectores produtivos e, assim, influenciar políticas e práticas em prol da inclusão das mulheres;
- 5** Inserir indicadores objectivos e mensuráveis no Plano Económico Social e Orçamento de Estado, que demonstrem o crescimento no número e na qualidade da participação das mulheres na economia;
- 6** Manter espaços como a Conferência Mulheres na Economia e promover maior participação das mulheres no diálogo e em esforços colectivos para gerar mudanças sociais, políticas e económicas;
- 7** Ampliar o acesso à tecnologias para aceder à banca móvel em todo o país e, por aí, estimular e facilitar transacções sem necessitar passar por processos complexos;
- 8** Incluir mulheres de todas as gerações e regiões do país nos fóruns de negócios, tecnologia e inovação, garantindo assim que as oportunidades estejam distribuídas.
- 9** Fomentar a criação de associações e cooperativas e, apesar dos desafios burocráticos e de literacia, promover a legalização destas associações, para que possam ter mais espaço e presença na cadeia de valores;
- 10** Melhorar o acesso aos serviços sociais básicos como a educação, justiça e a protecção social que, por sua vez, proporcionam inclusão social e económica.

FICHA TÉCNICA

Editor FDC - Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade | Maputo | Moçambique

Título Relatório da Conferência Mulheres na Economia | **Consultor** Tsemba Life CCS

Design Gráfico e Paginação Zowona, SA | © FDC 2023

ÍNDICE

LISTA DE ABREVIATURAS	
SUMÁRIO EXECUTIVO	5
A CONFERÊNCIA MULHERES NA ECONOMIA 2023	9
Sessão de abertura	10
Intervenção inaugural da PCA da FDC, Graça Machel	11
Oficinas temáticas	16
Inclusão financeira	16
Indústria extractiva e de energia	17
Sector informal e agrário	19
Sector de empreendedorismo, tecnologia e inovação	21
Notas conclusivas da conferência	22
ORADORES E MODERADORES DA PRIMEIRA CONFERÊNCIA MULHERES NA ECONOMIA	23
A CONFERÊNCIA VIVA!	25
Nós podemos: frutos da mulher na economia	25
Um Podcast 'Para Elas'	27
Estamos ligadas!	28
Testemunhos das mulheres	28

ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS

CA	Conselho de Administração
DNG	Direcção Nacional do Género
FDC	Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade
IEE	Indústria extractiva e energia
INE	Instituto Nacional de Estatísticas
MGCAS	Ministério do Género Criança e Acção Social
MWE	Mozambican Women in Energy
PCA	Presidente do Conselho de Administração
Techs	Tecnologias
TPLA	Taciana Peão Lopes e Advogados Associados, limitada
UNIDO	Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial

SUMÁRIO EXECUTIVO

ANTECEDENTES E OBJECTIVOS

O desafio de concretizar um projecto de desenvolvimento económico inclusivo é o apanágio de Moçambique. As transformações que o mundo conhece impõem uma agenda global de preocupação com a igualdade e com a pobreza, percebida como consequência das desigualdades resultantes de problemas sociais, políticos, culturais e económicos.

Acordos e conferências internacionais desafiam os governos a dar provas de consciência sobre as consequências económicas da discriminação dos grupos mais vulneráveis e especialmente as mulheres, e a liderar processos decisórios para influenciar mudanças significativas no plano legislativo, nas políticas públicas e nas iniciativas programáticas, advogar pelos direitos integrais das mulheres por um lado e, por outro, fazer face ao fenómeno da "feminização" da pobreza, promovendo a igualdade na participação de mulheres e homens nas estruturas económicas.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estatísticas (INE, 2021), 52% da população moçambicana é constituída por mulheres, das quais 72,2% vivem na zona rural e 23,2% são chefes de família.

Reconhecendo os esforços do Governo, da sociedade civil e dos demais actores na promoção e protecção dos direitos das mulheres, com base em resultados, a Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade (FDC) tem-se dedicado a reflectir sobre os caminhos e as alternativas com potencial para aprofundar e acelerar o conjunto de transformações políticas, sociais, culturais e económicas necessárias para o estabelecimento de uma sociedade mais justa e igualitária. Precisamente para atender este objectivo, a FDC pretende dar um salto qualitativo no debate e na abordagem da pobreza em Moçambique, dinamizando um espaço estratégico de reflexão e acção consistente e sistemático, em torno de uma agenda de desenvolvimento económico das mulheres. Foi neste contexto que se realizou a Conferência Mulheres na Economia, que em sua primeira edição contou com a presença de cerca de 250 representantes do governo, sector privado e da sociedade civil.

Assim, a FDC alcançou o objectivo de inaugurar o espaço estratégico de reflexão que previa uma agenda de desenvolvimento económico das mulheres – a Conferência Mulheres na Economia.

METODOLOGIA

A conferência combinou uma palestra inaugural com sessões plenárias e oficinas temáticas, que cumpriram o objectivo de partilhar experiências e aprofundar o debate sobre os potenciais desafios que determinam a participação efectiva (e os benefícios) das mulheres nos processos económicos.

A sessão de abertura teve como oradores o Administrador-Delegado da FDC, Diogo Milagre, seguido da Excelentíssima Senhora Directora Nacional do Género no Ministério de Género, Criança e Acção Social (DNG/MGCAS), Geraldina Juma e encerrada pela Sua Excelência Alta-Comissária do Canadá, Sara Nicholls. Seguiu-se a esta sessão, a intervenção inaugural pela Excelentíssima Senhora Presidente do Conselho de Administração (PCA) da FDC, Graça Machel.

O primeiro painel decorreu em forma de conversa guiada pelo Representante da UNIDO em Moçambique, Arquitecto Jaime Comiche, e contou com a participação das académicas Professora Doutora Solange Rocha, Professora Doutora Ruth Castel-Branco, da activista e empresária Anastácia Muiuane, e da empreendedora e oradora motivacional, Denise Cortês-Keyser. Estas oradoras partilharam as suas perspectivas e experiências políticas, estratégias e iniciativas de Empoderamento Económico das Mulheres.

Seguiram-se quatro oficinas temáticas moderadas por distintos profissionais do sector privado, de agências internacionais e da academia. Em cada oficina, o painel foi composto por mulheres provenientes de uma diversidade de sectores e discutiu quatro temas chave, nomeadamente:

→ **TEMA 1 Inclusão financeira.**

Moderado pela Dr^a Solange Rocha, teve como oradoras as Senhoras Kátia Agostinho – Gestora no Financial Sector Deepening Moçambique; Olga Loforte – Directora Executiva da Ophenta; e Lúcia Bernadete – Presidente do Conselho de Direcção da MUVA.

→ **TEMA 2 Mulheres na indústria extractiva e energia.**

Moderado por Taciana Lopes – Jurista, fundadora e directora da TPLA e co-fundadora da MWE, e por Joaquim de Oliveira Mucar – Director de Advocacia e Mobilização de Recursos da FDC. O painel foi composto pela Gilda Monjana – Consultora em Género, Mudanças Climáticas e Energia; Inocência Mapiisse – Economista; Iracema Bila – Engenheira Florestal e Presidente da Associação das Mulheres Moçambicanas em Mineração.

→ **TEMA 3 Sector informal e agrário.**

Moderado por Paula Boca – Membro do CA da FDC, teve como oradoras a Senhora Neuza Balane – Socióloga Rural e de Gestão de Desenvolvimento e Gerenciamento de Projectos; a Senhora Lisete Lisboa – Presidente da Associação Hikhomeni Vavasati; e a Engenheira Célia Ribeiro – Fundadora da Empresa Luteari.

→ **TEMA 4 Sector de empreendedorismo, techs e inovação.**

Moderado pela Shaista de Araújo – Activista de Direitos Humanos das Mulheres, teve como oradoras as Senhoras Sofia Cassimo – Lead Catalyst da Idealab e Marta Uetela – Designer Industrial e Directora da BioMec.

As moderadoras assumiram a responsabilidade de orientar as apresentações das oradoras e moderar os debates com questões-chave que permitiram a identificação das potencialidades e das carências com impacto nas mulheres. Na sessão de síntese, as moderadoras apresentaram as conclusões formuladas dos debates realizados em cada oficina.

Para manter a conferência viva, realizaram-se actividades paralelas às oficinas. No pátio do local da conferência, realizou-se a exposição de produtos e serviços de iniciativas de mulheres, com o objectivo de os relacionar com o am-

biente e os debates da conferência. Além disso, a apresentadora do "Podcast Para Elas", Alima Sauji, entrevistou algumas mulheres participantes do evento, incluindo a PCA da FDC, Graça Machel. E finalmente, durante a sessão de encerramento, foi apresentado o *site* virtual da Conferência Mulheres na Economia, que passará a ser o lugar onde as mulheres poderão continuar o debate e as partilhas das suas opiniões, iniciativas e outras realizações.

O Administrador-Delegado da FDC, Diogo Milagre proferiu as notas de encerramento e as acções de seguimento. Para além de agradecer a participação e os contributos de todos, o Administrador-Delegado deixou ficar o compromisso da equipa da FDC de divulgar os resultados da conferência, através de espaços de diálogo, e promover a realização de estudos e recolha de dados que possam servir para a compreensão da situação das mulheres na Economia e advogar para a melhoria das políticas e práticas no país para maior inclusão destas.

RECOMENDAÇÕES

A Conferência produziu resultados tangíveis, com base nas conclusões identificadas por todos os participantes, desde as discussões do *workshop* até a sessão de síntese.

- Reconhecendo que Moçambique tem estratégias claras para promover as mulheres nas esferas de tomada de decisão política, evidenciado pela presença de 43% de mulheres na Assembleia da República, recomenda-se a acção afirmativa e o estabelecimento de metas para impulsionar a inserção das mulheres na esfera económica;
- Recomenda-se a transição dos negócios do sector informal para o formal, com suporte, em grande medida, no estabelecimento de legislação, directivas e práticas fiscais que apoiem, incluam e favoreçam as mulheres com negócios informais de pequena, média e grande escala;
- Propugna-se por processos de atribuição de terras resultante do reassentamento de populações, devido a catástrofes naturais ou da ocupação de terras pela indústria extractiva, para que sejam conduzidos sem vieses de género e de forma participativa, incluindo as mulheres como partes interessadas, independentemente das normas sociais;
- Defende-se o estabelecimento de referências normativas e iniciativas institucionais no sector público e privado que promovam a igualdade de género nestes sectores, não só para garantir a participação plena e efectiva das mulheres na liderança e na tomada de decisões, mas também a igualdade de oportunidades de acesso ao conhecimento, às competências e aos meios de produção;
- Recomenda-se que as instituições governamentais e privadas, dedicadas a pesquisa e análise de dados, assumam o compromisso de recolher dados que demonstrem a realidade desagregada da participação feminina nos diversos sectores produtivos e, assim, influenciar políticas e práticas em prol da inclusão das mulheres;
- Advoga-se para a inserção de indicadores objectivamente mensuráveis e metas claras no Plano Economico Social e todos os planos estratégicos governamentais, que demonstrem um crescimento no número e na qualidade de participação das mulheres na economia.

#mulheresnaeconomia
Forjando caminhos e alternativas para autonomia e resiliência económica das mulheres.

27 JUNHO
08h_14h
radisson blue hotel

FDC
MULHERES na ECONOMIA
ConferênciaMaputo2023

PROGRAMA

8:50 Boas-vindas e apresentação da Conferência
Diogo Milagre - Administrador Delegado da FDC

9:00 Sessão de abertura
Exma. Senhora Geraldina Juma - Directora Nacional do Género, em representação de S. Exa. Ministra do Género Criança e Acção Social
Sua Excelência Senhora Sara Nicholas - Alta Comissária do Canadá
Senhora Graça Machel - PCA da FDC

9:15 **INTERVENÇÃO INAUGURAL**
"Por que É Necessária e Urgente Uma Agenda de Desenvolvimento Económico das Mulheres?"
Oradoras:
Solange Rocha - Doutora em políticas sociais, educadora e pesquisadora feminista
Denise Cortês-Keyser - Empreendedora e oradora internacional
Ruth Castel-Branco - Académica, sindicalista e activista
Anastácia Muijane - Membro da Associação Mulheres
Moderador: Aiq. Jaime Comiche - Representante da UNIDO em Moçambique

9:45 **PAINEL**
Políticas, Estratégias e Iniciativas de Empoderamento Económico das Mulheres:
Em que medida resultam em mais autonomia e resiliência económica das mulheres?
10:45 Momento cultural e registo para as oficinas

11:00 **Experiências, Potenciais Desafios para a Participação Efectiva das Mulheres no Desenvolvimento Económico**
Kátia Agostinho - Economista e analista de investimentos na FSDMoc
Olga Loforte - Coordenadora da Ophelia
Luiza Guimarães - Directora Executiva da Mova
Facilitação: Solange Rocha

OFICINA 1
Inclusão financeira

OFICINA 2
Mulheres na Indústria Extractiva e Energia
Inocência Mapiisse - Economista
Gilda Monjane - Consultora em Género, Mudanças Climáticas e Energias
Iracema Bila - Engenheira Florestal e Presidente da Associação das Mulheres Mocambicanas em Mineração
Facilitação - Taciana Lopes - Jurista e fundadora e directora da TPLA e co-fundadora da MWE

OFICINA 3
Mulheres no Sector Informal; Mulheres no Sector Agrário
Neusa Balane - Socióloga rural e gestão de desenvolvimento e gerenciamento de Projectos - Escola de Negócios Europeia de Barcelona (ENEB)
Lizete Lisboa Mucasse - Presidente da Hahomoni Vavazati
Célia Ribeiro - Eng. Agrónoma - Fundadora da Empresa Luteari
Facilitação - Paula Boca - Membro do CA da FDC

OFICINA 4
Empreendedorismo, Techs e Inovação
Marta Uetela - Designer Industrial, empresária e investigadora
Sofia Cassimo - Lead Catalyst - Idealto
Facilitação - Shaista de Araújo - Activista de Direitos Humanos das Mulheres

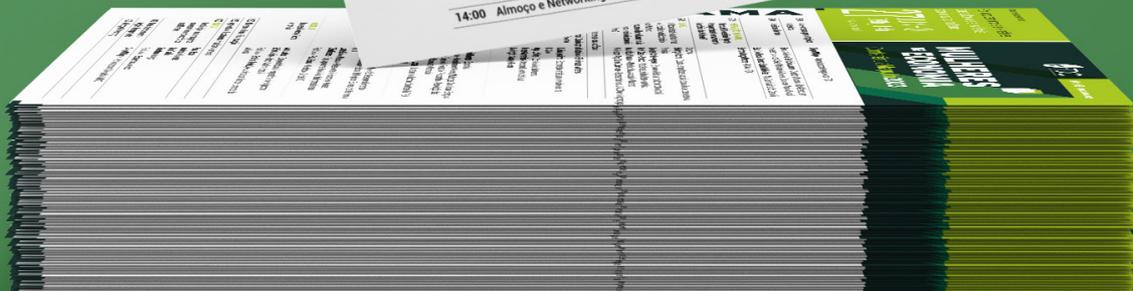
12:30 Momento cultural e feira inovação

12:50 Apresentação da plataforma virtual da Conferência
Paula Boca
Inocência Mapiisse
Kátia Taela
Shaista de Araújo
Facilitação - Boaventura Mucipo

13:00 **SINTESE**
Contribuições para uma agenda de desenvolvimento económico das Mulheres
Diogo Milagre - Administrador-Delegado da FDC

13:40 Notas de encerramento
Acções de seguimento

14:00 Almoço e Networking



A CONFERÊNCIA MULHERES NA ECONOMIA 2023

O evento inaugural da Conferência Mulheres na Economia, realizado no dia 27 de Junho de 2023, reuniu cerca de 250 participantes representantes do sector privado formal, mulheres empresariais, associações económicas e cooperativas de mulheres, colectivos de mulheres da sociedade civil, governo e parceiros internacionais.

Distribuição dos participantes



Moderada por profissionais de diferentes áreas, a conferência teve quatro momentos principais:

- 1 Sessão de abertura**
Abertura formal e a intervenção inaugural;
- 2 Painel inaugural**
Tema "**Por que é Necessária e Urgente uma Agenda de Desenvolvimento Económico das Mulheres?**"
- 3 Oficinas paralelas**
Partilha de iniciativas e experiências inéditas e, ao mesmo tempo, aprofundamento do debate em torno dos factores críticos do desenvolvimento económico das mulheres em quatro áreas: 1) **Inclusão Financeira**; 2) **Mulheres na Indústria Extractiva e Energia**; 3) **O Sector Informal e Agrário**; e 4) **Sector de Empreendedorismo, Techs e Inovação**.
- 4 Sessão de síntese**
Dedicada à sistematização dos debates do dia e à validação em plenária dos assuntos e das acções prioritárias para a elaboração da agenda de desenvolvimento económico das mulheres.

A SESSÃO DE ABERTURA

A sessão de abertura foi iniciada pelo Administrador-Delegado da FDC, Diogo Milagre, seguido da Excelentíssima Senhora Directora Nacional do Género no Ministério de Género, Criança e Acção Social (DNG/MGCAS), Geraldina Juma e encerrada pela Sua Excelência Alta-Comissária do Canadá, Sara Nicholls.

Os oradores de abertura destacaram três pontos em comum:

- O reconhecimento do potencial das mulheres e raparigas para participar de forma activa e efectiva na economia formal;
- O reconhecimento de que já há investimento e iniciativas em curso implementadas pelos governos de Moçambique e do Canadá para promover a inclusão das mulheres na economia através de programas de protecção social e promoção de negócios e empreendedorismo das mulheres;
- A prevalência dos impactos nefastos de normas sociais e práticas culturais nocivas, das mudanças climáticas e da exclusão económica de mulheres e raparigas;
- A urgência de se promover um ambiente legal propício a igualdade de acesso aos recursos e a participação das mulheres (e raparigas) na economia formal, através dos negócios e do comércio a nível nacional e internacional.



Sara Nicholls

Alta-Comissária do Canadá



Geraldina Juma

Directora Nacional do Género no Ministério de Género, Criança e Acção Social



Diogo Milagre

Administrador-Delegado da FDC

INTERVENÇÃO INAUGURAL DA PCA DA FDC, GRAÇA MACHEL



A intervenção inaugural, ministrada pela PCA da FDC, Graça Machel, estabeleceu as directrizes e a linha temática das reflexões do dia, designadamente a seguinte – *as mulheres já demonstram forças e precisam de oportunidades para contribuir de forma efectiva na economia do país.*

No seu discurso, a PCA defendeu que as mulheres possuem a capacidade única de transformar as adversidades em oportunidades para elas e suas famílias. No entanto, elas são invisíveis nas estatísticas dos contribuintes para o crescimento económico. Colocou como exemplos as mães analfabetas, mas determinadas a fazer face às despesas para educar os seus filhos; as comerciantes transfronteiriças e regionais que começaram com negócios minúsculos, mas que, contra todas as probabilidades, são proprietárias de empresas de importação que distribuem mercadorias para várias partes do país; as mulheres profissionais que demonstram tenacidade nas salas de reuniões e nos espaços de tomada de decisões, entre outros grandes exemplos de mulheres.

As mulheres de que falou a PCA têm pontos em comum: visão clara, força interior, foco e determinação, habilidade de resolução de problemas, vontade de aprender e perseverança.

Por isso, para a PCA, é preciso que as oportunidades se abram para estas mulheres, através de acção afirmativa, evidenciada por políticas e estratégias claras, com indicadores e metas de desenvolvimento inclusivo.

A PCA recordou aos demais que Moçambique é um exemplo para o mundo no que tange a inclusão da mulher na esfera política, sendo que 43% dos ocupantes dos assentos da Assembleia da República são mulheres, para além de ocupar vários outros cargos públicos. Por isso, urge ao país que use das mesmas estratégias para promover a mulher para a esfera económica.

Ao final, o seu discurso deixou três recomendações:

- Reforçar as competências das mulheres como agentes do seu próprio desenvolvimento;
- Melhorar o ambiente normativo e regulador para facilitar a entrada e manutenção dos negócios das mulheres na arena dominante;
- Desenvolver planos e estratégias, acompanhadas de metas e indicadores claros para que se possa dar oportunidades e visibilidade ao contributo das mulheres para a economia.

Políticas, estratégias e iniciativas de empoderamento económico das mulheres

As apresentações do painel evidenciavam o reconhecimento de que a mulher tem uma capacidade intrínseca para procurar soluções e empreender, mas é confrontada com barreiras estruturais e sociais para desenvolver os seus negócios.

As apresentadoras exploraram aspectos ligados às normas sociais e relações de poder no seio familiar e social, que dificultam a entrada e permanência das mulheres no mercado de negócios. Num país cuja orientação das relações entre homens e mulheres é regida pelo patriarcado, as mulheres que ousam buscar a sua autonomia financeira, são confrontadas com a violência física e psicológica no contexto público e privado. No seio familiar, são confrontadas com parceiros que temem a sua independência financeira, oprimindo-as através da violência física e psicológica. No contexto público, enfrentam agentes do Estado que as assediam para facilitar o acesso a determinados serviços e licenças para exercerem as suas actividades.

“ Num país cuja orientação das relações... é regida pelo patriarcado, as mulheres que ousam buscar a sua autonomia financeira, são confrontadas com a violência ”



No que tange ao ambiente de negócios (desde os incentivos fiscais às facilidades financeiras), o moderador, Arquitecto Comiche, destacou o facto de que Moçambique se encontra muito abaixo do escalão de países com facilidades para fazer negócios e isso tem um impacto nefasto para os pequenos e médios empreendedores. As apresentações das *painelistas* corroboraram com esta afirmação do moderador, trazendo exemplos concretos nas suas apresentações das dificuldades que as mulheres enfrentam para se afirmar como contribuintes formais na economia.

A maioria das mulheres empreendedoras e empresárias opta por manter-se na informalidade, apoiando-se umas nas outras, social e financeiramente, ou recorrendo quase sempre a financiamentos com juros elevados, provenientes de agiotas.

Através das apresentações e das discussões com a audiência, conclui-se que qualquer intervenção deve abordar a interseccionalidade dos desafios que as mulheres enfrentam. As mulheres já possuem vontade e muitas tomam iniciativas para empreender. Há, no entanto, necessidade de se criar um ambiente legal, fiscal e financeiro favorável, incluindo impostos e taxas de juros favoráveis para desenvolverem os seus negócios, expandindo-os no mercado nacional e global.

Recomendações:

- Abordar as barreiras sociais para a prosperidade dos negócios das mulheres, abrangendo normas de género e relações de poder entre mulheres e homens no âmbito privado e público, incluindo o assédio, a exploração e o abuso sexual;
- Melhorar as políticas e normas fiscais e financeiras no sector público e privado. Estas mudanças podem facilitar a formalização e o crescimento dos negócios de muitas mulheres e colocá-las no mapa dos grandes negócios a nível nacional e internacional;
- Convidar e envolver os homens a todos os níveis em eventos como a Conferência Mulheres na Economia, para desafiar estereótipos e suposições sobre a autonomia financeira das mulheres como uma ameaça para os homens. Expostos a estas experiências, os homens poderão contribuir para a mudança social e normativa, promovendo a participação das mulheres na economia;
- Incentivar o desenvolvimento pessoal e de competências das empresárias para que possam negociar em pé de igualdade com outros empreendedores e pessoas de negócios;
- Manter os espaços como a Conferência Mulheres na Economia e promover maior participação das mulheres no diálogo e em esforços colectivos para gerar mudanças sociais, políticas e económicas.



“ Nós, mulheres no sector informal, parece que estamos a ficar mais vulneráveis, porque temos difícil acesso a financiamentos bancários. Daí parte a nossa dificuldade, porque não tendo acesso ao crédito, somos obrigadas a recorrer aos pequenos bancos de microfinanças, e muitas vezes ao agiota, e já houve colegas que perderam tudo como resultado. ”

Anastácia Muiwane

Membro da Associação Mukhero



“ A formalização da economia para as mulheres vai permitir entrarem nos sectores industrializados, e assim poderemos competir num mercado internacional. Para que as mulheres possam competir num mercado altamente regulamentado, elas precisam de formalizar os seus negócios, nem que seja no regime simplificado ou através de criação de cooperativas. ”

Denise Cortês-Keyser

Empreendedora e Oradora Motivacional



“ Há um discurso para incentivar o empreendedorismo e auto trabalho das mulheres, mas que os sistemas não estão preparados para as integrar e acompanhar a sua participação na economia dos países sem estereótipos e repressão, muito menos para analisar as questões interseccionais de género. ”

Solange Rocha

Doutora em Políticas Sociais, Educadora e Pesquisadora Feminista



“ Buscam-se soluções individuais para problemas estruturais que contribuem para a desigualdade. Portanto, todas as discussões sobre empreendedorismo e trabalho devem considerar a situação de todas as mulheres e sua interseccionalidade. ”

Ruth Castel-Branco

Académica, Sindicalista e Activista



OFICINAS TEMÁTICAS

A INCLUSÃO FINANCEIRA

Neste painel, as apresentações e o debate focaram duas abordagens sobre a inclusão financeira: 1) a necessidade que as mulheres têm de gerar rendimentos através de iniciativas de emprego ou auto-emprego para o seu sustento pessoal e familiar; 2) os desafios que as mulheres enfrentam para aceder a serviços e produtos financeiros formais que satisfaçam adequadamente as diferentes fases dos seus negócios.



A primeira abordagem destacou iniciativas correntes de mulheres que criaram pequenos negócios e, através de interajuda e de financiamentos informais, conseguiram desenvolver as suas actividades em pequena escala e para um público localizado. Estas mulheres têm a possibilidade de, através de feiras e cooperativas, compartilhar ideias, conhecimento, informação e dar visibilidade aos seus pequenos negócios.

Esta abordagem abrange as mulheres jovens na busca do autossustento, autonomia financeira e social. Através de programas de empoderamento feminino, organizações nacionais, como a MUVA, dedicam-se a prover habilidades para a vida, habilidades técnicas, educação financeira e a abrir caminhos para que estas raparigas possam empreender.

Na segunda abordagem, inserem-se aquelas mulheres que, tendo iniciado o seu negócio, têm dificuldades de escalá-los por falta de crédito, pois os caminhos formais são difíceis por conterem requisitos complexos para quem opera na informalidade. Por isso, as empreendedoras e mulheres de negócio preferem os credores informais (agiotas) ou grupos de poupança em massa que apesar de oferecerem juros acima da média oficial, facilitam o acesso ao crédito, ainda que sem protecção legal.

Nos casos em que o acesso a banca é difícil, as instituições financeiras no país já oferecem a facilidade de realizar transacções móveis, incluindo a realização de empréstimos sem passar pela burocracia da banca.

Recomendações:

- Melhorar o acesso aos serviços sociais básicos como a educação, justiça e a protecção social que, por sua vez, proporcionam inclusão social e económica;
- Incentivar iniciativas de formação e desenvolvimento de competências de gestão de negócios para mulheres empreendedoras e com potencial para os negócios, incluindo a literacia financeira;
- Ampliar o acesso às tecnologias para aceder à banca móvel em todo o país e, por aí, estimular e facilitar transacções sem necessitar de passar por processos complexos;
- Advogar pela criação de serviços e produtos financeiros que se adequem à diversidade de negócios desenvolvidos pelas mulheres. Estes podem incluir créditos bancários e fundos de garantia.

INDÚSTRIA EXTRACTIVA E DE ENERGIA

No debate entre apresentadoras e participantes dominou neste tema a reflexão sobre o facto da mulher estar à margem da indústria extractiva e energia (IEE). Compreende-se que, em Moçambique, o sector extractivo é composto pela extracção de minérios e combustíveis (dominado pelas grandes multinacionais e a produção artesanal ou o garimpo), exigindo-se à maioria dos profissionais uma formação técnica, principalmente de engenharia.

Em contextos formais e informais, a proporção de mulheres ainda é inferior a de homens. Elas participam de forma passiva, empregues em projectos de grande, média ou pequena escala em cargos técnicos e administrativos (mas não como operadoras). Não há estudos nacionais que evidenciem a presença de mulheres à mesa de tomada de decisões sobre esta indústria, e muito menos como donas ou proprietárias de activos, donas de negócios ou parceiras das multinacionais.



As *painelistas* e os participantes reconhecem, portanto, que prevalecem estereótipos de género que promovem a ideia de que a natureza do trabalho pode afectar negativamente a vida das mulheres. Este estereótipo é fundado em ideias de esforço físico associado ao trabalho e cujas operações, muitas vezes, se localizam em zonas remotas e são desenvolvidas em ambientes que exigem presença física as mulheres. Estes estereótipos estão a ser desafiados por alguns colectivos de mulheres, embora o debate seja ainda centrado num contexto urbano, entre mulheres profissionais, não abrangendo a mulher no contexto rural e não especializado.

Embora existam estratégias de género dos diversos sectores estatais, relatórios empíricos que confirmam a presença de mulheres como produtoras de artefactos artesanais e de joalharia, não há dados concretos que mostrem a proporção de mulheres, os tipos de actividades que desempenham e a qualidade da sua participação na formação da indústria. A ausência de informação representa um obstáculo para a concepção de estratégias adequadas.

Recomendações:

- Apostar na abordagem transformativa de género, desafiando as normas sociais e os estereótipos de género que promovem oportunidades e privilégios académicos e profissionais para os rapazes e homens, e excluem as mulheres e raparigas;
- Incentivar a posse individual ou o cooperativismo entre colectivos de mulheres para o desenvolvimento de negócios ligados à cadeia de valor desta indústria, capitalizando as políticas de conteúdo local efectivas no país;
- Exortar o governo e seus parceiros para a inclusão e o alinhamento das estratégias para a igualdade de oportunidades para mulheres e homens em todos os sectores e, em particular, na indústria extractiva e de energia. As estratégias devem incluir metas e indicadores claros para que, colectivamente, se possa avaliar os progressos na formação de gestoras e operadoras, na geração de oportunidades;
- Monitorar as políticas públicas - verificar até que ponto a IEE tem alocação apropriada para responder aos desafios apresentados nesta conferência;
- Criar um fórum de IEE para agregar toda a informação, processar os dados sobre a participação da Mulher na IEE, visando sempre o aumento de número de empreendedoras e financiamento para as mulheres.



O SECTOR INFORMAL E AGRÁRIO

Neste painel, debruçou-se sobre os desafios que as mulheres enfrentam no sector agrário e informal.

De acordo com o último Inquérito ao Mercado Informal 2021, mais de 50% das pessoas que tem a actividade informal como sua primeira fonte de renda são mulheres, e a agricultura e pesca são a principal actividade informal com registo de 75,3%. Estas actividades são realizadas no seio familiar, baseadas na colaboração entre membros da mesma família e comunidade, e sem compromissos contratuais. Estas actividades não são formalizadas e por essa razão operam nas franjas da economia.

As oradoras aprofundaram os seguintes desafios: 1) a informalidade e falta de informação são uma barreira para colmatar o fosso entre as mulheres e as oportunidades de apoio e financiamento disponíveis, tal como o programa SUSTENTA; 2) a iliteracia, o desconhecimento sobre os direitos, a falta de noção da sua cidadania e da sua capacidade de negociação perpetuam a exclusão; 3) as políticas agrárias e outras estratégias do governo não são claras quanto à promoção da produção agrícola de pequena escala e nem sobre os processos para escalar na cadeia de valor.

Com relação ao primeiro ponto, as *painelistas* apresentaram duas perspectivas. A primeira diz respeito ao desconhecimento da real situação da mulher no sector informal – das suas aspirações, vontades e desafios. Os estudos existentes não mostram informação desagregada com relação às mulheres em várias regiões do país, sob as várias camadas sociais, e nem incluem as mulheres com deficiências.



Ainda sob a mesma perspectiva, as participantes trouxeram exemplos de situações em que as mulheres foram excluídas de processos competitivos para aceder a financiamentos do governo pela sua falta de conhecimento e de habilidades de leitura e escrita para compreender os requisitos e critérios de seleção, o que gerou e continua a gerar frustração para os colectivos de mulheres camponesas.

Sobre a segunda perspectiva destaca-se o facto de que as mulheres são também a camada social com níveis baixos de literacia e por isso desconhecem, de forma geral, os seus direitos. Essa situação coloca as mulheres numa posição de desvantagem com relação aos seus pares do sexo masculino, que são frequentemente chamados às mesas de conversação ou partilha de informação.

As iniciativas privadas, lideradas por mulheres, procuram envolver ao máximo mulheres rurais, assumindo responsabilidades que não são de sua competência, como por exemplo, ensinar literacia financeira, leitura e escrita para que elas possam entender conceitos e métodos importantes e inovadores que contribuem para o sucesso das suas actividades.

“mulheres foram excluídas de processos para aceder a financiamentos pela falta de conhecimento e de habilidades de leitura e escrita”

Recomendações:

- Incentivar as iniciativas endógenas de agrogócios individuais e colectivos das mulheres em todas as camadas sociais, que geram renda e riqueza;
- Fomentar a criação de associações e cooperativas, e apesar dos desafios burocráticos e de literacia, promover a importância da legalização destas associações, para que possam ter mais espaço e presença na cadeia de valores;
- Realizar estudos aprofundados e desagregar os dados por regiões e por camadas da população feminina para se compreender os desafios socioculturais e económicos, necessidades e oportunidades existentes para a mulher no sector informal e produtivo;
- Advogar por programas governamentais de estímulo à actividade agrícola no país (SUSTENTA) que sejam desenhados tomando em conta o domínio do sector agrícola pelas mulheres e ao mesmo tempo assumindo a diversidade das suas capacidades e necessidades. Os programas devem tomar em conta as necessidades de financiamento, as habilidades, a atribuição de terra e o escoamento de produtos para venda.



O SECTOR DE EMPREENDEDORISMO, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

As apresentações e o debate deste painel demonstraram como o conceito de empreendedorismo tornou-se sinónimo do auto-emprego, principalmente para os jovens. Programas do governo, dos parceiros bilaterais e do sector privado estão actualmente virados para promover empreendedorismo. Mulheres e jovens em todo o país têm sido o alvo das iniciativas de formação e aprimoramento de competências em desenvolvimento e gestão de pequenos negócios, em incubadoras estabelecidas por instituições privadas – incluindo os bancos, com especial enfoque para camadas urbanas. Foi através de iniciativas como essas que surgiu a BioMec, uma empresa concebida para produzir próteses para pessoas que tenham perdido membros do corpo.

Como em outros sectores, persistem desafios estruturais para galvanizar este tipo de iniciativas privadas e colectivas das mulheres. De entre vários, destacam-se os seguintes: 1) a necessidade versus o talento, no sentido em que maioria das empreendedoras inicia negócios pela necessidade de "colocar o pão na mesa", e isso torna o negócio insustentável; 2) as iniciativas de promoção do empreendedorismo ainda estão centradas nas cidades capitais e abrangem grupos restritos que têm acesso a tecnologias; 3) a ausência de legislação comercial que atribua licenças para projectos inovadores que envolvem as tendências tecnológicas actuais e futurísticas.



Recomendações:

- Realizar avaliações prévias de conhecimento, capacidade e aspiração de potenciais empreendedores, e investir no desenvolvimento de habilidades e competências;
- Promover parcerias com instituições com domínio tecnológico que possam apoiar grupos de mulheres empreendedoras de todas idades a usar tecnologia para inovar os seus negócios, desde o desenvolvimento de novos produtos e serviços, a transacções financeiras;
- Expandir, paulatinamente, oportunidades de incubação de negócios inovadores para todo o país e com metas claras para os próximos anos;
- Incentivar a revisão do Código Comercial para abranger atribuição de licenças para iniciativas inovadoras, mesmo que ainda não existam em Moçambique.

NOTAS CONCLUSIVAS DA CONFERÊNCIA

Das apresentações e do debate ocorrido em cada uma das quatro oficinas paralelas, as moderadoras concluíram que:

→ **Sobre inclusão financeira** é necessário abordar as estruturas patriarcais e as normas sociais predominantes na sociedade que impedem as mulheres de obterem autonomia financeira. Enfatizou-se a necessidade de as mulheres se unirem e encontrarem alternativas quando enfrentam dificuldades na realização de actividades económicas;

→ **Sobre a indústria extractiva e de energia** reconhece-se que as mulheres precisam de estar envolvidas neste sector, especialmente quando se trata da indústria transformadora. A investigação básica é importante para compreender as necessidades das mulheres e como elas pretendem contribuir nos processos de reassentamento e durante a produção extractiva, para criar estratégias mais fortes orientadas por políticas que promovam a inclusão das mulheres no sector;

→ **Sobre o sector informal e agrícola** propõe-se que as empresárias invistam em iniciativas arrojadas e unam forças para flexibilizar a expansão das capacidades de produção, processamento e comercialização. No caso da agricultura, há que aumentar o acesso a informação e recursos, e estabelecer fóruns para abordar problemas e identificar soluções. Para finalizar, não basta simplesmente conceber cursos de formação, é necessário fazer os ajustes necessários para se adequar a questões culturais e ao contexto local dos grupos com quem se trabalha;

→ **Sobre Empreendedorismo, Techs e Inovação** reflectiu-se no facto de que as iniciativas actuais focam-se mais em mulheres jovens. Há necessidade de incluir mulheres de todas as gerações e regiões do país nos fóruns de negócios, tecnologia e inovação, garantindo assim que as oportunidades sejam distribuídas.

Do discurso de encerramento proferido pelo Administrador-delegado, Diogo Milagre, destacam-se os seguintes pontos para acção:



- Aprofundamento de estudos de participação da mulher na inclusão económica;
- Divulgar e advogar iniciativas implementadas pelas mulheres para criar referências;
- Registrar estatisticamente a participação e contribuição da mulher na economia;
- Desafiar os estereótipos da participação da mulher, principalmente no sector mineiro.

ORADORES E MODERADORES DA PRIMEIRA CONFERÊNCIA MULHERES NA ECONOMIA



Geraldina Juma
DNG/MGCAS



Sara Nicholls
Alta-Comissária do Canadá



Graça Machel
PCA da FDC



Diogo Milagre
Administrador-Delegado da FDC



Anastácia Muiuane
Membro da Associação Mukhero



Denise Cortês-Keyser
Empreendedora e Oradora
Motivacional



Jaime Comiche
Representante da UNIDO em
Moçambique



Solange Rocha
Doutora em Políticas Sociais, Educa-
dora e Pesquisadora Feminista



Ruth Castel-Branco
Académica, Sindicalista e
Activista



Kátia Agostinho

Gestora no Financial Sector Deepening Moçambique



Olga Loforte

Directora Executiva da Ophenta



Lúcia Bernadete

Presidente do Conselho de Direcção da MUVA



Taciana Lopes

Jurista, fundadora e directora da TPLA e co-fundadora da MWE



Joaquim de Oliveira Mucar

Director de Advocacia e Mobilização de Recursos da FDC



Gilda Monjana

Consultora em Género, Mudanças Climáticas e Energia



Inocência Mapisse

Economista



Iracema Bila

Eng. Florestal e Presidente da AMMMI



Paula Boca

Membro do CA da FDC



Neuza Balane

Socióloga Rural e de Gestão de Dese. e Gerenciamento de Projectos



Lisete Lisboa

Presidente da Associação Hikhomeni Vavasati



Célia Ribeiro

Fundadora da Empresa Luteari



Shaista de Araújo

Activista de Direitos Humanos das Mulheres



Sofia Cassimo

Lead Catalyst da Idealab



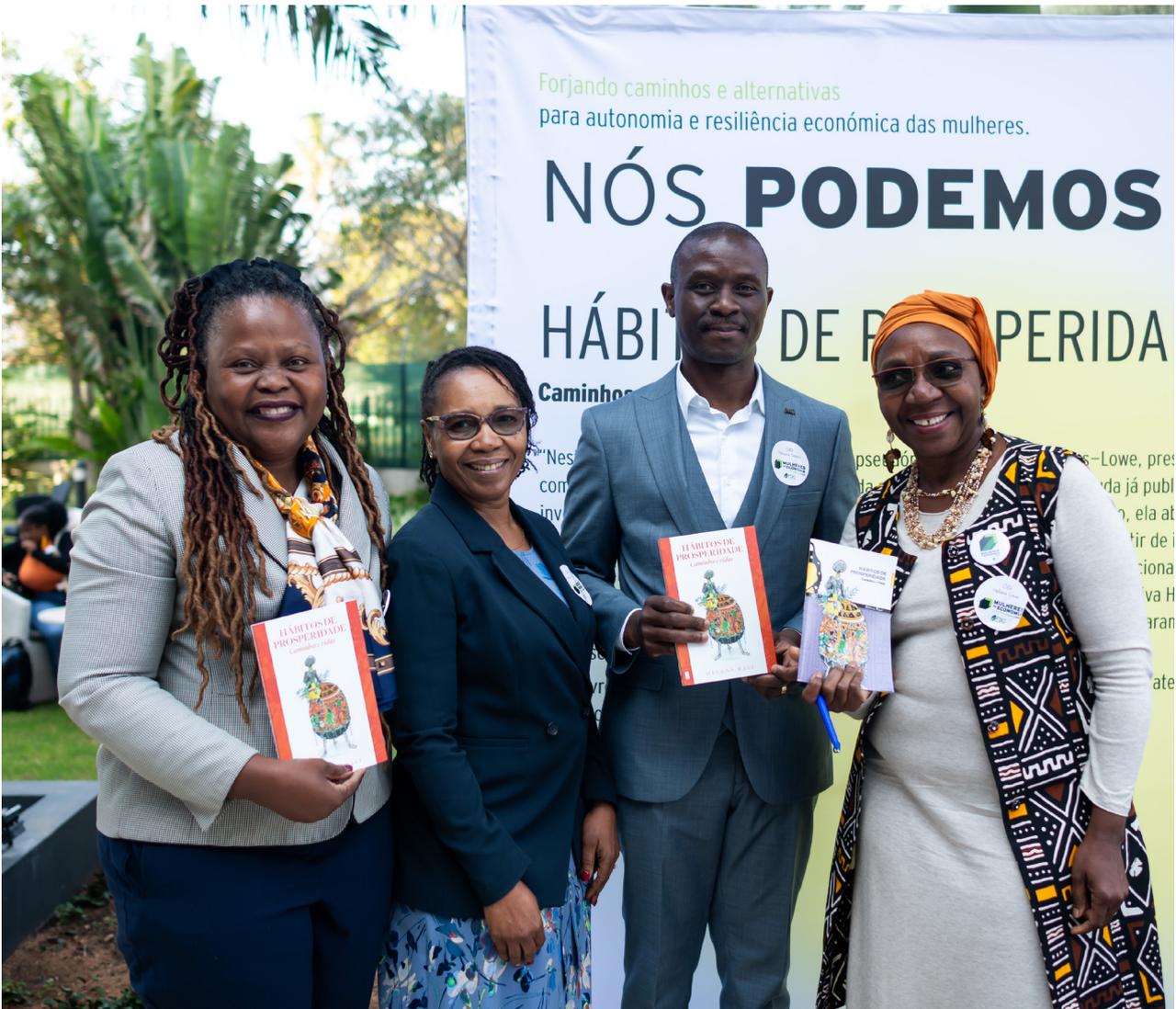
Marta Uetela

Designer Industrial e Directora da BioMec

A CONFERÊNCIA VIVA!

NÓS PODEMOS: FRUTOS DA MULHER NA ECONOMIA







UM PODCAST 'PARA ELAS'

Ao longo da Conferência, o "Podcast Para Elas", apresentado pela Alima Hussein Sauji, trouxe a voz de mulheres de diferentes proveniências e sectores socioeconómicos para conversas inspiradoras e temas pertinentes.

 @podcastparaelas 



ESTAMOS LIGADAS

O site virtual da conferência já está no ar. A conferência virtual e todas informações sobre o evento estão publicadas no site. Terá uma rede social que permitirá aos visitantes comunicar e dialogar em torno dos temas tratados nesta conferência e receber informações sobre os eventos subsequentes ao longo do ano até ao próximo encontro em 2024.

Visite-nos: 2023.mulheres-naeconomia.com



Testemunhos das mulheres

“Participar nesta conferência foi uma oportunidade para mim, pois fazendo parte do movimento de mulheres com deficiência, com foco no empoderamento social e também económico, aprendi muito. Adquiri um aprendizado que poderei partilhar com as minhas companheiras, porque olhando para os temas abordados, ajudam a elevar autoestima e a caminhar para frente.

Eufémia Amela

Directora Nacional Adjunta da Acção Social - MGCAS



“Para mim, o primeiro painel serviu para criar o pulso necessário das conversas que estivemos a seguir nas oficinas temáticas. Acho que falar de trabalho, falar de emprego é importante porque existem muitas nuances contraditórias sobre o que é trabalho e o que é emprego e como isto se insere nos diferentes sectores productivos.

Brenda Campos

Coordenadora de projectos da Friedrich-Ebert-Stiftung

“Eu achei que foi uma conferência muito estratégica, porque sempre que falamos em economia, quem aparece em primeira mão são os homens, mas desta vez foi diferente. E nesta conferência ficamos a saber que as mulheres já começam a ocupar alguns cargos a nível político, e a conquistar espaço em outros meios, apesar de continuar em desvantagem comparativamente aos homens. Aproveito para recomendar aos organizadores da conferência, para que os próximos eventos considerem a inclusão da mulher com deficiência, pois ela tem outro tipo de necessidades.

Benilde Mourana

Directora Executiva da Cooperativa Luna Semeia Sorrisos



“Eu considero o tema mulher na economia muito interessante, e que já deveríamos ter começado a pensar nele há bastante tempo, porque a situação económica das mulheres é um grande desafio. Temos mulheres que já começaram a despertar, sim, porque na altura quando começámos a falar com mulheres no sector informal, elas nem se quer valorizavam o trabalho que faziam, então fomos trabalhando, fomos nos fortalecendo entre nós e elas começaram a valorizar-se, a ter voz e poder. Perceberam que realmente estavam a alimentar Moçambique.

Olga Muthambe

Directora Executiva da HIKONE Moçambique - Associação para o Empoderamento da Mulher

MULHERES
na **ECONOMIA**



FDC - FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE
Av. 25 de setembro | Edifício Time Square, Bloco 2 | Nº 270 | CP 4206
Maputo | Moçambique